

A PALAVRA ENCANTADA E O PROTAGONISMO SOCIAL EM CHIAPAS: ANÁLISE DA ORIGINALIDADE DO IDEÁRIO POLÍTICO DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL – EZLN

THE ENCHANTED WORD AND SOCIAL LEADERSHIP IN CHIAPAS: ANALYSIS OF THE ORIGINALITY OF THE POLITICAL IDEOLOGY OF THE ZAPATISTA ARMY OF NATIONAL LIBERATION - EZLN

Émerson Neves da Silva

Universidade Federal da Fronteira Sul

Correspondência:

Rua Dom João Hoffmann 313 – Fátima - 99700000 - Erechim, RS – Brasil

E-mail: emerson.neves.silva@terra.com.br

Resumo

A década de 1990 presenciou a proliferação de políticas públicas neoliberais e da disseminação do ideário neoconservador, no qual as ações coletivas frente às demandas sociais passam a ser “percebidas” enquanto um obstáculo ao diálogo com o Estado. Nesse contexto, surge, em 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, que congregou a população indígena do território de Chiapas, no México. O presente trabalho analisa a partir da abordagem de Serge Gruzinski o processo de organização e a intervenção política e social do Movimento na sociedade mexicana.

Palavras-chave: Chiapas; mestiçagem; Movimentos Sociais.

Abstract

The 1990 decade witnessed neoliberal public policies proliferation and neo-conservative ideal dissemination, in which collective actions towards social requests are perceived like an obstacle to State dialog. In this context, in 1994, arises National Freedom Zapatist Army, which congregated Chiapas indigenous population, in Mexico. This work analyses, according to Serge Gruzinski's approach, the organizational process and the political and social intervention of the Movement in mexican society.

Keywords: Chiapas; Miscegenation; Social Movements.

Introdução

Na tradição indígena mexicana, a palavra é central para o devir histórico da comunidade. É através dela que o passado é transmitido aos mais jovens. O amor pela terra e toda a mística índia toma contorno e materializa-se por meio da palavra. No primeiro dia de 1994, a palavra que ecoou da Selva Lacadona foi de rebeldia. Tornou-se ação e acalentou a esperança de melhores dias para a população indígena do estado de Chiapas, no México.

Para analisarmos tal fato, assim organizamos este: primeiramente, verificamos a constituição histórica do pensamento do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e contextualizamos a formação do movimento.

De outra parte, trabalhamos alguns elementos pertinentes da obra *O Pensamento Mestiço*, de Serge Gruzinski, que podem elucidar o atual conflito social em Chiapas. A seguir, nas considerações finais, discutimos a contribuição da concepção de mestiçagem de Serge Gruzinski à atualidade em Chiapas.

Principais elementos constitutivos do ideário do Exército Zapatista de Libertação Nacional

A história é movida pelo conflito, pelo contraditório. Tensões sociais de múltiplas origens constituem o devir histórico. Na história vista “de baixo”, cunhada por E.P. Thompson¹, é perceptível outro olhar sobre o sujeito histórico, que deixa de ser centralizado em apenas uma personalidade e não é impreciso nem distante da realidade. Definitivamente, é percebido como sujeito enraizado no contexto social. Possui rosto, identidade e, sobretudo, pertence a um determinado grupo social marcado pela desordem social.²

Na manhã do dia 01/01/1994, a perplexidade instalou-se na corriqueira San Cristóbal de las Casas, no estado de Chiapas, no México. Turistas dialogavam, fotografavam e filmavam os rebeldes que haviam ocupado a cidade³. O grupo denominado Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), constituído por indígenas da região, deflagrou sua ação “coincidentalmente” no mesmo dia da assinatura do Tratado de Livre Comércio (TLC) ou Nafta (North American Free Trade Agreement).

Por trás dessa concomitância de acontecimentos históricos está a desigualdade socioeconômica da região com o restante do México. Em Chiapas a população em atividade no setor primário é de 52%, enquanto a média nacional é de 25%; 41% da

¹ THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

² Utilizamos esse termo para caracterizar os processos de crises socioeconômicas e culturais às quais as sociedades são suscetíveis.

³ ALTEMANN, Werner. *A Rebelião indígena de Chiapas: o anti-neoliberalismo orgânico da América Latina*. In: BARSOTTI, Paulo; PÉRICAS, Luiz Bernardo (Org). *América Latina: história, ideias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998, p.187.

população economicamente ativa de Chiapas recebem mais que o salário mínimo enquanto a média nacional é de 73,50%; além disso, o estado é o primeiro em quantidade de analfabetos do país⁴. A desnutrição crônica atinge 88,6% das crianças, e as causas da mortalidade infantil são as mesmas de há quarenta anos: infecções intestinais, doenças respiratórias e desnutrição⁵.

É relevante destacar que o período revolucionário ocorrido no México protagonizado por Emiliano Zapata e Pancho Villa serviu como lastro social para as reformas implementadas por Lázaro Cárdenas na década de 1930. No entanto, Chiapas ficou à margem do processo revolucionário mexicano e, por conseguinte, do reformismo pós-revolucionário e da reforma agrária cardenista. Dessa forma, o velho latifundismo de Porfirio Dias conservou-se intacto na região até a década de 1990, quando a penetração de capital no campo intensificou a expansão do latifúndio de pecuária, causando enormes problemas ecológicos e sociais. Essa atividade destruiu lavou- ras, bosques e fontes de água, e criou uma massa de camponeses desempregados.

Os neo-zapatistas apreenderam um novo elemento presente na realidade mexicana: o TLC. O comércio dos Estados Unidos com o México corresponde a 4% do total de suas relações comerciais externas, enquanto que o México possui 70% das suas relações comerciais externas com os Estados Unidos⁶. A formalização do TLC representava o aumento dos problemas socioeconômicos e do desemprego em Chiapas. Portanto, a deflagração do movimento teve caráter contrário às políticas neoliberais que estavam em voga a partir do acordo.

Apesar disso, não podemos creditar a origem do EZLN apenas à formação de um movimento de resistência ao neoliberalismo. Aos fatores econômicos que substanciaram a gestação do movimento acrescentam-se elementos étnicos e políticos. O estado de Chiapas é constituído majoritariamente por indígenas, sendo os maiores grupos os lacandones, tzeltales, tojolabales, tzotziles, zoques e choles, e um terço da população não fala a língua espanhola. Como já expusemos anteriormente, essa população vive espremida entre a pobreza das comunidades indígenas e as grandes fazendas de exportação. A partir da década de 1970, agentes ligados à Igreja Católica, identificados com a Teologia da Libertação e ONGs desenvolveram o trabalho de empoderamento das comunidades indígenas. O bispo de San Cristóbal de las Casas, Dom Samuel Ruiz, criou a rede de catequistas e comunidades eclesiais de base, estimulando, portanto, a auto-organização, a auto-identificação e a análise da realidade a partir da leitura bíblica. Dessa forma, as lideranças indígenas tiveram condições para romper com a prática política do “caciquismo”, uma herança que perdura desde o período de Porfirio Dias, e investiram na gênese do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena, cuja responsabilidade é a de elaborar as decisões do movimento

⁴ MÉXICO. *XI Censo de Población y Vivienda*. V. 7, tomo I, 1999.

⁵ FUSER. Igor. *México em transe*. São Paulo: Scritta, 1995.p. 58

⁶ ALTMANN, Werner. *A Rebelião... op. cit.*

zapatista, cabendo ao EZLN submeter-se à direção do comitê. Assim, elementos étnicos e políticos se articulam na irrupção social de Chiapas.

Nesse processo, a centralidade das decisões políticas, para as comunidades indígenas, é o coletivo: a Assembléia Comunal tem o caráter de elaborar as decisões e nomear as lideranças que as medeiam com a “sociedade externa”. Por isso, o neozapatismo é um movimento heterodoxo. A sua pauta reivindicatória não prevê a alteração dos meios de produção ou a tomada do poder por uma vanguarda organizada. Exige autonomia política para as comunidades indígenas, ressignificando o conceito de democracia aristotélico. Ou seja, cobra a autodeterminação frente ao estado.

A compreensão histórica do neozapatismo na sua totalidade não é uma tarefa simples. Entendê-la corresponde ao estudo da constituição e das relações de continuidade e descontinuidade do seu ideário e, por conseguinte, a análise da filosofia da história presente no pensamento dos rebeldes de Chiapas. Contribuindo para a compreensão desse processo, Reinhart Koselleck afirma que, a partir da experiência presente, a perspectiva do passado e a esperança do futuro são alteradas⁷. A organização da visão temporal do movimento é baseada na experiência atual e na interação entre passado/expectativa e futuro/esperança.

Passado e futuro reenviam-se um ao outro e são assimétricos, diferentes, e esta sua relação é que dá sentido à idéia de temporalização. O presente muda e, nesta sua mudança, o passado e o futuro são constantemente rearticulados, obrigando à reescrita da história⁸.

Com o agravamento da crise econômica social no estado de Chiapas e o prognóstico negativo das consequências da assinatura do TLC, os indígenas ressignificam o passado. Buscam no mito revolucionário de Emiliano Zapata a referência de insurgência e rebeldia frente às injustiças sociais e políticas. De outra parte, querem romper com a continuidade histórica de exploração e degradação das condições de vida nos *ejido*⁹. Assim, valem-se da tradição de luta dos índios para projetar um futuro distinto às experiências conhecidas do presente e do passado. No entanto, as rupturas não se restringem apenas a esse aspecto. Ao contrário dos movimentos guerrilheiros das décadas de 1960 e 1970, os chapanecos não orientam no conflito bélico a estratégia principal para obter seus propósitos de alteridade. A comunicação é essencial na vida militante da organização. Os comunicados frequentes através da internet, entrevistas e organização de grupos de apoiadores em várias regiões do mundo fazem com que o EZLN supere o isolamento geográfico, militar e político e tenha-se consolidado como um sujeito político reconhecido pelo governo mexicano, mesmo possuindo uma

⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado, para uma semântica de los tempos históricos*. Barcelona: Editorial Paidós, 1993. p.190.

⁸ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 3. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.8-9.

⁹ Comunidades indígenas no México.

precária força militar. Nesse diálogo com o governo mexicano, os indígenas expressam outra concepção de democracia, capaz de contemplar valores como tolerância, liberdade e justiça e potencializar a transição para um projeto de nação que incluía todos.¹⁰

Assim, o pensamento neozapatista reafirma elementos da cultura indígena, como, por exemplo, o *modus vivendis* comunitário, a valorização da identidade étnica e a economia baseada na solidariedade. Para Werner Altmann, na atualidade, observa-se

o desenvolvimento de uma ideologia valorizadora da identidade étnica que possibilita a luta generalizada dos índios por seus direitos à diferença e à igualdade. Configura-se pela vez primeira uma ideologia de indianidade genérica por parte dos próprios índios e não da sociedade dominante.¹¹

O arcabouço neoliberal significa a continuidade histórica das contradições sociais vivenciadas das comunidades indígenas de Chiapas. A quebra dessa lógica é a constituição de uma nova forma de política, a qual consiga promover o desenvolvimento da nação sem gerar exclusão social. Nessa perspectiva, o movimento não descarta a globalização. Destaca a pertinência de uma globalização que incluía todos os mundos, que seja capaz de respeitar as diferenças e que não sirva ao capital. Além disso, o movimento utiliza-se de elementos da globalização como estratégia de organização, como por exemplo, a internet. Alejandro Arellano ilustra bem o espírito do movimento:

[...] o zapatismo nasce como movimento social moderno, como antítese da mundialização do capitalismo e simultaneamente como levante dos povos indígenas mexicanos. Por isso que lutam contra a destruição e a ausência de direitos à terra comunal indígena e simultaneamente por uma Internacional da Esperança contra o neoliberalismo. Em 1996, no final do mês de julho, nas selvas de Chiapas, o Exército Zapatista de Libertação Nacional organizou o Iº Encontro Internacional contra o Neoliberalismo e pela Humanidade.¹²

O Movimento, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, não é uma expressão anacrônica das organizações guerrilheiras típicas da década de 1970 na contemporaneidade. Obstante disso, representa uma forma singular de ação coletiva: articula as peculiaridades da cultura indígena chiapaneca com a constituição de uma intervenção social e política promotora de uma nova ordem social, alicerçada no reco-

¹⁰ EZLN. Cuarta Declaración de la Selva Lacandona. México. 1. Jan. 1996.

¹¹ ALTMANN, 1998, p. 191.

¹² ARELLANO, Alejandro Bueno; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Orgs). *Chiapas, construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 54.

nhecimento da autonomia das comunidades indígenas e na transformação do Estado, ou seja, na democratização da prática política e eliminação do clientelismo.

Globalização e processo de mestiçagem

O signo da globalização nos remete à ideia de pós-modernidade, de algo inovador e recente. Assim, o mundo estaria interligado de forma jamais vista na história. O desenvolvimento tecnológico alcança proporções inimagináveis. Nesse contexto, o prosaico costume da sociedade em prover-se de bens de consumo indispensáveis à manutenção da espécie humana através do trabalho humano foi distorcido. Conforme André Gorz¹³, a sociedade pós-moderna caracteriza-se pela substituição do trabalho do homem pelo trabalho mecanizado. Dessa forma, as sociedades pós-industriais estão liberando o homem do trabalho produtivo para outras atividades relevantes à vida, como por exemplo, o lazer.

Nessa perspectiva, a referência a ser perseguida por todos são os países ricos da Europa, expoentes da globalização. Portanto, a globalização é entendida enquanto um processo vital para a transição de uma sociedade escrava do trabalho para outra, na qual o homem possa viver sem depender da venda da sua força de trabalho.

Todavia, a discussão acerca da globalização não é unânime. Concordamos com Milton Santos ao afirmar que a globalização é o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista¹⁴. A internacionalização do capital ocorrida a partir da década de 1970, aliada à aceleração tecnológica, configurou o perfil da atual globalização, já que se origina no século XVI, com o desenvolvimento do capital mercantil. A transição em voga, ao contrário do que André Gorz¹⁵ acredita, não é a da sociedade baseada no trabalho proletário (vivo) norteada pelo fim do trabalho humano, mas a da sociedade capitalista moderna à altamente globalizada, capaz de limitar o trabalho vivo ao segmento de serviços e ao trabalho abstrato, o qual é responsável pela elaboração intelectual de produtos e de conhecimento na sociedade.

De outra parte, a globalização não está relacionada somente à dimensão econômica. Com as inovações ocorridas nos meios de comunicação, a circulação das informações flui mais rapidamente, dinamizando a intercomunicação entre as nações, corporações econômicas e indivíduos de todo o planeta. Dessa forma, o processo de mistura cultural também é acelerado.

Serge Gruzinski analisa a ligação da cultura europeia renascentista com dos índios hopis do Novo México, no século XVI. Conforme o autor, vivemos em mundos mesclados, permeados por misturas. Assim, [...] frequentemente, se não sempre, o arcaico é um engodo. Vários traços característicos das sociedades indígenas provem da

¹³ GORZ, André. *Adeus ao proletariado*. São Paulo: Forense Universitária, 1982.

¹⁴ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 23.

¹⁵ GORZ, André, 1982.

Península Ibérica, e não do distante passado pré-hispânico a que o etnólogo nostálgico se apressa em ligá-los.¹⁶

Serge Gruzinski, ao analisar o momento da conquista, relembra que a chegada dos europeus gerou turbulências e foi sinônimo de desordem e caos. Relembra ainda que sem essa noção em mente não podemos compreender a evolução da colonização e as misturas provocadas pela conquista.¹⁷ Dessa forma, surgiram as “zonas estranhas”, onde a improvisação venceu a norma e o costume, ou seja, a relação entre o espanhol conquistador e as populações ameríndias foi marcada por indeterminações, precariedades e improvisações. Assim, como meio de resistência à cultura dominante, os nobres mexicanos, que queriam evitar a hispanização pura e simples, adotaram estratégias de *disappearance* para tirar partido de mutações a serem inflectidas em direções inesperadas. Desse modo, pinturas inspiradas nas obras de Ovídio presentes na Igreja de Ixmiquilpan adaptaram motivos clássicos para dar aspecto antigo às cenas indígenas¹⁸. Portanto, as mestiçagens podem contribuir para a preservação de culturas que são fortemente ameaçadas pela globalização econômica, ou servir-lhes. Nessa perspectiva, Serge Gruzinski, em entrevista concedida ao Jornal O Estado de São Paulo:

Minha reflexão sobre a mestiçagem está ligada à reflexão sobre a globalização. Tentar compreender qual é a relação que pode haver, ou seja, entre a mistura de culturas e o desenvolvimento de uma dominação planetária num contexto político. A mestiçagem é alguma coisa que exprime a reação das populações que são mestiças ou uma maneira de manipular as populações para melhor dominá-las.¹⁹

Considerações Finais

No decorrer do trabalho destacamos elementos pertinentes à constituição do pensamento do EZLN, objetivando compreendê-lo a partir da realidade na qual está inserido, fugindo, dessa forma, de esquemas teóricos que não correspondem a esse contexto. De outra parte, efetivamos uma ponte entre alguns pontos elencados na obra *O Pensamento Mestiço*, de Gruzinski (2001). Assim, viabilizou-se um novo olhar sobre o conflito em Chiapas. O conceito de mestiçagens de Gruzinski é a chave que possibilita relacionarmos o EZLN com elementos étnicos, resistência político-cultural e globalização.

Com o encontro da civilização espanhola com a indígena no século XVI, em decorrência da expansão mercantil da Europa; por conseguinte, com o advento da globalização, deflagrou-se um processo de misturas entre os “dois mundos”. De um

¹⁶ GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.26.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem, p. 131.

¹⁹ O ESTADO DE SÃO PAULO. Entrevista publicada em 26./,03./2001.

lado, os colonizadores imbuídos do espírito do cristianismo; de outro, os colonizados que tiveram sua cultura submetida à primeira. No entanto, por mais assimétrica que seja a relação de mando colonial, há espaços para resistência e preservação de alguns elementos da cultura subjugada. Para Serge Gruzinski²⁰, o processo de preservação de fragmentos da identidade indígena proporcionou a mistura entre a cultura do colonizador com a do colonizado. Dessa forma, as obras produzidas pelos indígenas, inspirados em motivos correspondentes à cultura europeia, receberam sutilmente motivos ligados à cultura indígena no século XVI. Consequentemente, materializando uma cultura híbrida, fragmentada e que também corresponde a algo novo, que expressa a ressignificação de elementos culturais do passado indígena e do presente globalizado (expansão colonial).

A análise de Serge Gruzinski pode servir para a compreensão da constituição do pensamento do EZLN. Na atualidade, a globalização universaliza de maneira fundamentalista uma única possibilidade de economia, de Estado, de cidadania, baseada no consumo e na cultura massificada. Os princípios do neoliberalismo transformaram-se em dogmas que cabem a todas as culturas, independente da vontade das populações autóctones. No México não é diferente. A assinatura do Tratado de Livre Comércio entre México, Estados Unidos e Canadá, em 1994, fez eclodir o movimento neozapatista. Este se opõe às políticas neoliberais implantadas pelo governo federal e ao estado Mexicano, o qual se baseia numa forma de representação que está esgotada, pois não representa de forma efetiva as populações, sobretudo as indígenas. Conforme o trabalho de Serge Gruzinski²¹, consideramos o pensamento neozapatismo como mestiço, uma vez que articula elementos da mística indígena, como, por exemplo, a tradição de rebeldia das comunidades indígenas, o protagonismo de Emiliano Zapata no processo da Revolução Mexicana, a organização política baseada no coletivo e na autonomia, com signos da globalização: respeito às diferenças, agilidade na difusão das informações, crítica a práticas políticas autoritárias etc. Dessa forma, o EZLN ressignifica o conceito de democracia presente na atualidade, ou seja, não pode nortear-se apenas pela representação, tem que efetivar uma nova forma de fazer política, que esteja em consonância com a participação direta e coletiva dos cidadãos e respeita a autonomia política das populações indígenas. Dessa forma, expressa um arcabouço teórico que alarga as questões locais e propõe um projeto de nação que respeite as diferenças étnicas e inclua todos os mexicanos.

A riqueza do pensamento chiapaneco está na anacronia do ideário com o passado, ou seja, utiliza-se de elementos constitutivos do passado indígena para projetar o futuro, mas o passado não é transportado para o futuro de forma dogmática e fechada, é misturado com elementos do presente, do mundo globalizado. Assim, o produto dessa mistura determina o futuro substanciado no ideário do neozapatismo de forma

²⁰ GRUZINSKI, 2001.

²¹ *Ibidem*.

aberta e heterodoxa, o qual uma frase do subcomandante Marcos sintetiza precisamente: “Um mundo que caiba todos os mundos!”²²

* * *

Artigo recebido em 14 de junho de 2012.

Aprovado em 15 de junho de 2013.

²² EZLN. IV Declaração da Selva Lacandona. México, 1996.